# Capítulo VI — A flagelação (continuação)

> **Sumário.** Momento da flagelação: antes de conduzir o condenado ao suplício, ou enquanto o conduziam. — Testemunhos dos antigos. — Como se dava. Flagelação durante o trajeto da prisão ao lugar do suplício, a mais usada. — Numerosos exemplos nos autores pagãos. — Ministros da flagelação. — Pormenores históricos sobre os habitantes do Piceno e da Calábria. Abraçam o partido de Aníbal. — São condenados pelos romanos a ser os correios e os açoitadores públicos. — Testemunhos de Estrabão, de Aulo Gélio, de Festo. — Por quem foi flagelado o bom Ladrão.

A flagelação tinha lugar ou antes de conduzir o criminoso ao suplício, ou enquanto o conduziam: *aut ante deductionem, aut in ipsa deductione*. No primeiro caso, sofria-se na prisão ou no pretório, isto é, na própria sala em que o culpado era julgado. Às palavras sacramentais: Vai, lictor, flagela o réu, despojavam-no das vestes, atavam-lhe as mãos atrás das costas e, pelos braços e pelos pés, prendiam-no a um poste ou a uma coluna. Nessa situação os golpes choviam sobre todas as partes do corpo, faziam jorrar o sangue e voar a carne em tiras.

Exceto a coluna, substituída por quatro estacas, o horrendo suplício ainda é usado no Oriente. Quantas vezes foi sofrido nos pretórios da Cochinchina e do Tonquim por nossos heroicos missionários!

O uso de flagelar antes da partida era o mais antigo; mas, no tempo de Nosso Senhor, o menos usado. Encontram-se diferentes exemplos dele entre os pagãos.[1] Por uma razão ou por outra, o antigo uso da flagelação foi posto em prática com o Filho de Deus. A coluna que serviu ao cruel suplício conserva-se em Roma, na igreja de Santa Praxedes: monumento eterno do amor infinito do Redentor e da gravidade do pecado vergonhoso.

Em parte alguma se vê que os dois ladrões tenham sido flagelados antes da partida para o Calvário. Visto que a flagelação era de rigor nas execuções capitais e em particular na crucificação, [2] resta que teve lugar durante o trajeto. Era, aliás, como acaba de ser dito, o uso ordinário.

Eis, segundo os autores pagãos, de que maneira se dava esse suplício, cuja ignomínia igualava a crueldade. Despojava-se o culpado de toda veste, e sobretudo o escravo, mil vezes menos culpado muitas vezes do que o senhor cuja barbárie o condenava a semelhantes torturas. Atava-se-lhe a cruz às costas. Carrascos, andando diante dele, puxavam-no com cordas; outros o seguiam

armados de açoites, com que batiam sem descanso até o lugar do suplício.

Notemos aqui a perfeita concordância do Evangelho com a história profana. Jesus, diz o texto sagrado:

> *E levando a sua cruz ás costas, sahio para aquelle lugar que se chama do Calvario:*

*Bajulans sibi crucem*. Tal era com efeito o uso universal. *«Cada condenado — informam-nos os autores pagãos — devia levar a sua cruz.»*[3]

Os bons romanos tinham às vezes prazer em alongar o caminho e em fazer dos companheiros do pobre escravo os instrumentos de sua atroz barbárie.

> *Um ilustre romano — refere Dionísio de Halicarnasso —, tendo condenado à morte um de seus escravos, ordenou a seus companheiros de escravidão que o conduzissem eles mesmos ao suplício. A fim de tornar o castigo mais notório, quis que lhe fizessem percorrer, dilacerando-o a golpes, o Fórum e todos os outros lugares mais frequentados da cidade. Os que o conduziam lhe tinham estendido e atado as duas mãos à cruz, fixada em torno do peito e dos ombros e cujos braços chegavam até à palma das mãos. Os que o seguiam lhe rasgavam a golpes de chicote o corpo completamente nu.*[4]

Tito Lívio e Cícero relatam fatos semelhantes sem exprimir o menor sentimento de indignação ou de piedade.

> *Roma estava no circo — diz o primeiro —, e eis que um pai de família, antes do começo dos jogos, fez percorrer a arena a um de seus escravos, que levava a cruz às costas e sofria a flagelação.*[5]

Parece que esse doloroso espetáculo era para os romanos uma parte de seus prazeres, pois gostavam de com ele saciar os olhos do povo.

> *Vê-se — diz Cícero — um escravo passeado no circo, carregado de sua cruz e dilacerado a golpes.*[6]

Arnóbio acrescenta que tal era o costume. Belo costume, na verdade, e bem digno desse povo, apresentado ao Profeta sob a figura de uma fera de dentes de aço.[7]

Se, pois, queremos ter uma ideia da flagelação dos ladrões do Calvário, representemos o sinistro cortejo avançando para o lugar da execução. No meio de uma multidão imensa, escalonada à direita e à esquerda da Via dolorosa, vêm primeiro as trombetas que anunciam a aproximação dos condenados; depois delas, um pregoeiro que proclama os seus nomes e os seus crimes; em seguida, dois homens, um dos quais, Dimas, era um velho, despojados das vestes, levando cada um a sua cruz atada às costas, as mãos estendidas até a extremidade dos braços do madeiro; enfim, ambos precedidos de carrascos que os puxam por cordas e seguidos de outros carrascos que os açoitam sem descanso com chicotes, desde o pretório de Pilatos até o Calvário, isto é, no espaço de cerca de mil e trezentos passos.[8] Quem sabe se esse horrível suplício, sofrido ao lado mesmo de Nosso Senhor, não foi para Dimas o princípio de um salutar retorno sobre si mesmo, talvez o germe precioso que ia desabrochar magnificamente no cimo do Calvário?

Seja como for, devemos acrescentar que a conduta do nobre romano que fazia executar o seu escravo por outros escravos era um fato excepcional. Esse triste ministério pertencia a outros. Os romanos tinham executores e açoitadores públicos. Quem eram esses homens? Foram eles, com relação a Nosso Senhor e a Dimas, os instrumentos da justiça romana?

Sob três pontos de vista, essa questão nos parece digna de exame. Do ponto de vista da história geral: toca em usos pouco conhecidos dos povos antigos. Do ponto de vista da história particular: inicia-nos num pormenor íntimo da execução de Dimas. Do ponto de vista religioso: tudo o que se liga ao grande drama do Calvário é objeto de viva e nobre curiosidade.

Todos conhecem a história dos gabaonitas. Esse pequeno povo da terra de Canaã, vendo de que maneira Josué, por ordem de Deus, tratava as nações vizinhas, quis escapar à mesma sorte. Tendo tomado conselho, os anciãos recorreram ao seguinte estratagema. Tomaram pães duros e reduzidos a migalhas, que puseram em velhos sacos; depois, odres de vinho, todos rachados e recosidos. Nos pés de seus deputados adaptaram os mais velhos calçados que se puderam achar e, nas costas, trajes todos puídos.

Precedidos de alguns jumentos magros que levavam as suas provisões, esses deputados se apresentaram ao general dos hebreus, acampado em Gálgala.

> *Viemos — disseram-lhe — de um país distante, atraídos pela fama de vossas façanhas e desejando fazer aliança convosco. Vede: quando partimos, os nossos pães estavam bem quentes, os nossos odres, novinhos. O mesmo se dava com os nossos calçados e as nossas vestes, que agora estão gastos por causa da longura do caminho.*

Acreditaram neles e fizeram aliança com eles. Três dias depois da partida deles, Josué soube que esses pretensos estrangeiros eram os habitantes de um país vizinho. Marchou contra eles e tomou

a sua capital, Gabaon; mas, por respeito à fé jurada, poupou os habitantes. Somente para puni-los de sua astúcia, condenou os gabaonitas e todos os seus descendentes a ser os lenhadores e os carregadores de água do povo de Israel.[9]

Essa conduta, que os direitos da guerra justificam, foi imitada pelos romanos.[10] Vencedor no Ticino, na Trébia e no Trasimeno, Aníbal, em vez de descer diretamente sobre Roma pelo vale da Úmbria, apoderava-se das regiões vizinhas do mar. Seu fim era poder receber prontamente e sem obstáculo socorros de Cartago. Os habitantes do Piceno e das Calábrias, *Picentini* e *Brutii*, foram os primeiros que se renderam a ele e abraçaram a sua fortuna. Tendo Aníbal sido expulso da Itália, os romanos infligiram às duas populações, que tinham dado o sinal da defecção, um castigo exemplar.

Deixemos a palavra aos autores pagãos.

> *Picência — diz Estrabão — era a capital dos picentinos.[11] Mas os habitantes moram hoje em aldeias. Expulsos de sua cidade pelos romanos, para os punir por se haverem unido a Aníbal, foram excluídos do serviço militar e condenados, eles e seus descendentes, a ser os cursores e os tabellarii da República.[12]*

Mais humilhante foi a punição dos brútios.[13] Foram condenados a servir de lictores aos grandes magistrados da República. Muitas funções destinadas aos escravos lhes eram atribuídas. A mais ignominiosa era a de ser açoitadores públicos.

> *Catão — escreve Aulo Gélio —, invectivando contra Quinto Termo, censurava-o por haver dito: Os decênviros prepararam mal o meu jantar. Sobre isso, mandou despi-los e flagelá-los. Os brútios flagelaram os decênviros. O povo foi testemunha. Quem pode suportar uma tal injúria, um tal ultraje, uma tal marca de servidão?[14]*

Como os habitantes do Piceno, os brútios foram excluídos dos exércitos romanos e, para agravamento da pena, obrigados a fornecer os lictores da República. Chegados de sua terra, eram postos às ordens dos magistrados enviados às províncias. Seguiam-nos como, nas comédias, esses criados chamados *lorarii* ou açoitadores; pois uma de suas funções era atar e flagelar aqueles que lhes eram designados.[15]

Será a esse povo de açoitadores oficiais que pertenciam os que flagelaram Nosso Senhor, Dimas e seu companheiro? Barônio não ousa afirmá-lo. Não seremos mais afirmativos do que o douto cardeal. Digamos somente que é um insulto que há muito se lança à fronte dos calabreses. É certo, segundo a passagem de Aulo Gélio, que, poucos anos antes de Nosso Senhor, os brútios ainda desempenhavam a vergonhosa função. É igualmente certo que Pilatos tinha lictores e que era entre os brútios que eram recrutados. Tal era a regra geral.

Que mais tarde, e em muitos casos, soldados e até outras pessoas tenham exercido esse ministério, o testemunho de Tertuliano não permite duvidar.[16] Mas, como na história da Paixão vemos, de um lado, que Nosso Senhor foi flagelado, o que se deu igualmente com os dois ladrões; e que, de outro lado, os soldados de modo algum são designados como ministros da flagelação propriamente dita, poder-se-ia concluir, ao que parece, que a triste função foi desempenhada pelos brútios.[17]

---

**Notas**

[1] *Quod moris fuit magis prisci. Si domi, ligabunt interdum ad columnam. Firmamenta huic ritui non tam multa reperio, reperio tamen. Artemidorus, ubi somnium narrat servi, qui visus sibi ab hero turpiter tangi, addit: Columnæ alligatus, multas accepit plagas. Et Plautus: Adducite hunc intro atque adstringite ad columnam fortiter.* («O que era costume mais antigo. Em casa, atavam às vezes à coluna. Não encontro muitos fundamentos para esse rito, encontro-os, porém. Artemidoro, onde narra o sonho de um escravo a quem pareceu ser tocado torpemente pelo amo, acrescenta: *Atado à coluna, recebeu muitos golpes*. E Plauto: *Levai este para dentro e atai-o com força à coluna*.») Lípsio, *De cruce*, liv. XI, cap. IV.

[2] *Verberati crucibus affixi* («açoitados, foram pregados em cruzes»), diz Tito Lívio; e noutro lugar: *Verbera, intra aut extra pomœrium, et arbori infelici suspendito.* («Açoita-o, dentro ou fora do pomério, e suspende-o à árvore infeliz.») *Hist.*, liv. I, 4.

[3] *Corpore quidem quisque malefactorum suam effert crucem.* («Cada um dos malfeitores leva sua cruz no corpo.») Plutarco, *De sera Num. ira*. — *Qui in cruce figendus, prius eam portat.* («Quem há de ser pregado na cruz, leva-a antes.») Artemidoro, *Ornit.*, liv. II, cap. XLI.

[4] *Vir Romanus haud ignobilis, servum suum ad mortis supplicium tradens conservis aliis ducendum, ut conspicua et illustris pœna hominis ejus fieret, per Forum verberibus affectum trahere ipsos jussit, et si quis alius in urbe locus celebris. Qui autem ducebant eum ad pœnam, manus ejus ambas extendentes et ad lignum alligantes, quod circa pectus et humeros ad manuum volam pertingeret, sequebantur flagris cædentes sic nudum.* («Um romano de não obscura condição, entregando seu escravo ao suplício da morte para ser conduzido por outros companheiros de escravidão, a fim de que a pena desse homem fosse notória e ilustre, mandou que o arrastassem açoitado pelo Fórum e por qualquer outro lugar célebre da cidade. Os que o levavam à pena, estendendo-lhe ambas as mãos e atando-as a um madeiro que, em torno do peito e dos ombros, chegava até à palma das mãos, eram seguidos por outros que o fustigavam com açoites, assim nu.») *Antiq. Rom.*, liv. VII.

[5] *Servum quidam paterfamilias, nondum commisso spectaculo, sub furca cæsum medio egerat circo.* («Certo pai de família, antes de começado o espetáculo, tinha feito passar pelo meio do circo um escravo açoitado sob a forca.») *Hist.*, liv. III. — O historiador emprega a palavra *furca*, forquilha, porque muitas vezes a cruz tinha essa forma.

[6] *Servus per circum, cum virgis cæderetur furcam ferens, ductus est.* («Um escravo foi conduzido pelo circo, carregando a forca, enquanto era açoitado com varas.») *De divinat.*, liv. I.

[7] *... Servum pessime meritum per circi aream mediam traduxisse, cæsum virgis, et, ex more, multasse post patibuli pœna.* («... ter feito passar pelo meio da arena do circo um escravo que muito mal merecera, açoitado com varas e, conforme o costume, castigado depois com a pena do patíbulo.») *Adv. Gent.*, liv. VII.

[8] Vê-se que as antigas pinturas que representam Nosso Senhor subindo ao Calvário, precedido de trombetas, não exprimem uma ficção. Ver Gretser, *De Cruce*, liv. I, cap. XVI, p. 46, edição *in-4.º*.

[9] *Sic vivant, ut in usus universæ multitudinis ligna cædant aquasque comportent.* («mas vivão de modo, que cortem a lenha, e tragão a agua, para o serviço de todo o povo.») Js 9, 21.

[10] Pode-se acrescentar: pelos espartanos com relação aos ilotas.

[11] País hoje chamado Marca de Ancona.

[12] *Picentium caput fuit urbs Picentia; sed nunc per pagos habitant, a Romanis urbe expulsi, quod Annibali se conjunxissent; quo quidem Reipublicæ statu pro militiæ iis injunctum fuit ut cursores et tabellarii essent.* («A capital dos picentinos foi a cidade de Picência; mas agora habitam em aldeias, expulsos da cidade pelos romanos por se haverem unido a Aníbal; e, nesse estado de coisas, em lugar do serviço militar foi-lhes imposto serem *cursores* e *tabellarii* da República.») *Geograph.*, liv. V, perto do fim, edição *in-fólio*, 1707. Os *cursores* faziam mais ou menos as funções dos lacaios dos grandes senhores. Andavam diante do amo, anunciavam-no, afastavam a multidão à sua passagem e faziam-lhe os recados. — Os *tabellarii* eram os correios, os postilhões, os estafetas da república. O nome vem de *tabella*, tabuinha de madeira, muito fina, untada de cera, em que se escreviam as cartas e os despachos. Cuidadosamente encerradas em envoltórios de couro, de pergaminho ou de tela, e seladas com o selo do remetente, essas tabuinhas eram postas em sacos que o correio suspendia ao pescoço; depois, a cavalo, a pé ou de outro modo, levava-as ao destino, até às províncias mais distantes do império. Cícero, *Epist. famil.*, XVI, 21.

[13] Hoje habitantes da Calábria.

[14] *Q. Thermus dixit a decemviris parum sibi bene cibaria curata esse. Jussit vestimenta detrahi atque flagro cædi. Decemviros Brutiani verberavere...* («Q. Termo disse que os decênviros tinham cuidado mal do seu alimento. Mandou que lhes tirassem as vestes e fossem açoitados com o flagro. Os brútios açoitaram os decênviros...») Aulo Gélio, liv. X, cap. III.

[15] *Itaque hi sequebantur magistratus, tanquam in scenicis fabulis qui dicebantur Lorarii, et quos erat jussi vinciebant et verberabant.* («Assim, estes seguiam os magistrados, como nas fábulas cênicas os que eram chamados *lorarii*, e atavam e açoitavam aqueles que lhes eram mandados.») Festo, v.º *Brutiani*.

[16] *Suadens homini christiano ne militet, hæc ait: Et vincula, et carcerem et tormenta et supplicia administrabit, nec suarum ultor injuriarum, etc.* («Persuadindo o homem cristão a não militar, diz isto: *E administrará os grilhões, o cárcere, os tormentos e os suplícios, sem ser vingador sequer das próprias injúrias*, etc.») *De corn. milit.*, cap. II.

[17] Ver Barônio, ano 34, n.º 83, 84.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:48 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:48 by Admin